

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



**SEM A VOZ QUE OS ANIMOU,
AINDA RESSUSCITADOS SÃO CADÁVERES
ACTIO E DECLAMATIO
NA FORMAÇÃO DE VIEIRA, PREGADOR**

MARGARIDA MIRANDA

Universidade de Coimbra
mmiranda@fl.uc.pt

Resumo

Um estudo sobre a formação do Padre António Vieira à luz da *Ratio Studiorum* e de alguns textos em que o grande pregador expõe o seu pensamento sobre a própria arte de pregar. Com particular incidência sobre noções de Retórica clássica como *actio* e *declamatio*, *ars uocis*, *ars gestus* e *ars mouendi*, a A. realiza uma aproximação do pensamento do Padre António Vieira ao *De Oratore* de Cícero, cujo texto era objecto de estudo na preparação de todo o jesuíta, especialmente do jesuíta pregador. Assim se compreende a advertência do Padre António Vieira ao leitor dos seus sermões: *Sem a voz que os animou, ainda ressuscitados são cadáveres*.

Palavras-chave: Padre António Vieira, *Ratio Studiorum*, oratória sacra, sermão, *actio*, *ars mouendi*, Cícero.

Abstract

A study on Father António Vieira's formation as a Jesuit. It draws upon the *Ratio Studiorum*, as well as a few selected texts in which the renowned orator sets forth his own views on the art of preaching. Vieira's ideas in this regard are not very much unlike Cicero's rhetorical principles which he sets forth in his *De Oratore*. During every young Jesuit's formation period, the latter was actually a fundamental textbook, especially meant for would-be orators. As she comments on Vieira's well-known advice to readers of his

sermons – *Even if they resurrected, they would remain sheer corpses, since they lack the voice that animated them* –, the A. highlights classical rhetoric notions such as *actio* and *declamatio*, *ars uocis*, *ars gestus* as well as *ars mouendi*.

Keywords: António Vieira SJ, *Ratio Studiorum*, sacred oratory, sermon, *actio*, *ars mouendi*, Cicero.

1. O poder persuasivo da pregação de Vieira

Os textos oratórios do Padre António Vieira – pregados ora entre colonos e índios, ora na corte papal, ora no meio de monarcas e dos mais altos dignitários políticos, civis e eclesiásticos – fizeram dele o mais célebre pregador português, senhor de um elevado prestígio, reconhecido em Portugal, na Europa e no Brasil. Os seus Sermões (cerca de 200 publicados) são considerados «o título principal da sua glória literária» (João Mendes [1978]), e mereceram-lhe a designação de «orador triunfante» (Maria Lucília Gonçalves Pires [1999]). A construção artística do seu texto tem atraído grandes estudiosos como Raymond Cantel (1959), António José Saraiva (1996) e Margarida Vieira Mendes (1989), entre outros. Para todos, os sermões do Padre António Vieira se afiguram como a concretização do ideal barroco de linguagem.

O ponto de partida do meu de estudo começa simplesmente por interrogar qual a formação que está por detrás de tal pregador, educado no Colégio da Baía.

Erróneo seria pensar que o êxito da pregação de Vieira se devesse exclusivamente à sua formação retórica, no sentido mais restrito do termo. O poder da sua palavra deve-se, sem dúvida, à sua elevada formação em Sagrada Escritura, associada a uma exegese renovada, mas também aos profundos conhecimentos de filosofia e de teologia. Factor não menos importante foi a sua dedicação às grandes causas, assim como o compromisso com as circunstâncias históricas que então se viviam (a guerra do Brasil contra a Holanda, a defesa dos índios do Maranhão contra a escravatura; o período da Restauração em Portugal e as guerras contra a Espanha, os excessos do Tribunal da Inquisição, a defesa dos Judeus expulsos...).

O poder persuasivo da pregação do Padre António Vieira encontra também as suas raízes na certeza interior do poder efectivo da palavra

enquanto palavra de Deus. Num dos sermões italianos que pregou em Roma, na quaresma de 1674, na igreja de S. Salvador in Lauro, à Corte da rainha Cristina da Suécia, assim se exprimiu o pregador:

La predica, come fionda di Davide, non è giuoco o per tirar all'aria; è per ferire, per uccidere, per gettar ai piedi di Dio i suoi nemici, e tanto più quanto più grandi (...) E che fece Davide? Se ne va a un torrente, sceglie cinque pietre tonde e polite, ne mette una nella fionda, la rigira intorno al capo, fa il tiro alla testa del gigante *et infixus est lapis in fronte eius*.

O se Dio volesse che le mie parole avessero tanta efficacia e tanta fortuna che facessero un tal colpo!

Il gigante é il mondo, il capo di questo gigante è Roma e contro questo gran capo s'indirizzerano le miei pietre.¹

Com a metáfora da funda de David, o Padre António Vieira expunha a sua convicção sobre a eficácia da palavra como arma de arremesso, que derruba, fere e vence os inimigos.

O orador não esquecia porém que era necessário pregar palavras e obras. O poder persuasivo dos sermões de Vieira deveu-se também certamente ao *ethos* do pregador. O *topos* 'prática o que pregas', lugar comum da tradição apostólica mas também da tradição retórica pagã, é abundantemente ilustrado pela pregação de Vieira, nomeadamente pela já apresentada metáfora bíblica da funda de David:

Antigamente convertia-se o mundo; hoje porque não se converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala; atroam mas não ferem. A funda de David derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra (...).²

Para uma alma se converter por meio de um sermão, diz Vieira, no mesmo sermão da *Sexagésima*, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. Não é objectivo deste estudo reflectir sobre o entendimento dos

¹ Padre António VIEIRA 1998: 143-144.

² Padre António VIEIRA 1993.

ouvintes, nem sobre a Graça de Deus que deveria alumia-lo. O meu propósito é antes reflectir sobre a doutrina de que se servia o exímio pregador para persuadir, isto é, a sua formação retórica num aspecto particular: o da *actio* de pregador.

2. A formação retórica segundo a *Ratio Studiorum: homo sapiens, homo loquens*

2.1. *Litterae et uirtus*

Por detrás do génio criativo do grande escritor e pregador está uma formação literária, filosófica e teológica que nos é descrita pela *Ratio Studiorum* (1599) – o regime escolar e curriculum de estudos a que estiveram vinculados todos os colégios dos jesuítas, da Europa à Ásia e ao Brasil, durante cerca de dois séculos.

Com a renovação da pregação cristã, a célebre definição do orador como *uir bonus dicendi peritus* (Quintiliano, *Inst. Orat.* 12, 1) convertia-se na questão da santidade e exemplaridade do pregador. Nem só as palavras persuadem, mas também as acções e a pessoa do orador. Esta não era pois uma questão nova no tempo do Padre António Vieira, nem sequer de quando nasceu a *Ratio* – já comparecia nas *artes praedicandi* medievais. Mas a questão reacendera-se vivamente no século XVI – que assimilara a tradição da retórica pagã à tradição apostólica – e o século XVII viera reproduzir incessantemente aquela síntese.³ No Padre António Vieira, porém, com uma particularidade. Se, na tradição ibérica, as instruções de pregadores da segunda metade do século XVI colocavam a tónica na formação espiritual do pregador e na questão da graça ou da iluminação mística do amor divino, para Vieira a pregação persuasiva era de outra ordem: profundamente racional, confiada na iluminação da graça, sim, mas sem nunca prescindir de uma enorme confiança no poder do *logos* e da codificação retórica (Margarida Vieira Mendes 1989: 151 ss). *Litterae et*

³ Observe-se, por exemplo, quanto o cap. 4 da *Sexagésima* do Padre António Vieira se aproxima do Livro I da *Retórica Eclesiástica* de Frei Luís de Granada (sobre a dignidade de pregador, a força persuasiva do seu fervor apostólico e da sua vida exemplar), como entre nós já salientou Aníbal Pinto de Castro (1973: 96 ss).

virtus são noções inseparáveis e complementares. O pregador há-de imitar Cristo e os apóstolos, sim, mas sem qualquer tipo de misologia, isto é, horror ao raciocínio, às ciências ou às palavras – antes por meio delas, como se a graça divina não quisesse prescindir da sabedoria humana. A formação do pregador não se fazia pois sem o estudo demorado da eloquência em função da qual estavam organizados os estudos das Humanidades.

Raciocínios, ciência e palavra eram estudos desenvolvidos pelas humanidades e retórica. De acordo com a *Ratio Studiorum*, examinemos então alguns aspectos do percurso escolar de um estudante da classe de retórica.

2.2. Na classe de retórica com o Padre António Vieira

A classe de retórica era aquela para a qual convergiam todos os estudos humanísticos e que, mais do que todas, era destinada a realizar a integração dos saberes, combinando o *homo sapiens* com o *homo loquens*.

Não se trata pois da formação retórica no sentido técnico ou estilístico mais restrito, mas da formação retórica tal como a *Ratio Studiorum* determinava que fosse praticada em todos os colégios, quer no colégio da Baía, onde o Padre António Vieira aprendeu, quer no colégio de Olinda, em Pernambuco, onde o Padre António Vieira foi professor de Retórica durante os anos do seu magistério (1627-1630).⁴

A *Ratio Studiorum* nasceu no seio de uma sociedade para quem a Eloquência gozava de um valor universal e de um estatuto de supremacia sobre as ciências particulares. Para a Igreja, a eloquência representava, além do mais, um poderoso instrumento da sua própria Reforma, essencial para homilias, sermões, sínodos, concílios, debates doutrinários, controvérsias contra os hereges, obras de edificação ou o simples culto religioso. O ideal de Eloquência partilhado pelo ensino dos Jesuítas era pois o de uma *eloquentia* inseparável da *sapientia*, como era próprio da cultura humanística.

A *Ratio Studiorum* de 1599 tem clara consciência desta utilidade política, social, religiosa e científica do discurso, como se pode verificar nas “Regras para o professor de Retórica”. A regra n.º 1 estabelecia o seguinte:

⁴Vd. infra nota 6.

O programa desta classe [Retórica] não pode ser determinado facilmente entre limites precisos. Ela forma o estudante para a eloquência perfeita, que compreende duas matérias fundamentais, a oratória e a poética (devendo-se dar sempre a primazia à oratória). A eloquência tem em vista não apenas a utilidade do discurso mas também a sua elegância.

De modo geral, porém, pode-se dizer que ela abrange três componentes principais: os preceitos de oratória, o estilo e a erudição. Os preceitos podem ser estudados e analisados a partir de qualquer autor, mas nas preleções diárias não se devem explicar senão as obras retóricas de Cícero e de Aristóteles (a *Retórica* e eventualmente a *Poética*).⁵

O texto da *Ratio* permite tirar três conclusões. Primeiro, que a utilidade do discurso não pode perder de vista a sua elegância; segundo, a primazia da oratória sobre a poética; por fim, para a *eloquentia perfecta*, continua a *Ratio*, concorrem não apenas os preceitos da oratória, mas também o estilo e a erudição.

Tendo em vista a gravidade do discurso profissional de sábios, governantes, magistrados, teólogos e pregadores, a *Ratio Studiorum* parece remeter efectivamente a poesia para um lugar propedêutico. O ideal de *eloquentia perfecta* pressupunha uma vasta cultura, poética mas também filosófica, oratória e histórica. Exigia o estudo dos preceitos da arte, do estilo e da erudição, mas sobretudo a leitura dos modelos e, ainda mais, a prática na imitação (sem preconceitos) dos melhores autores, de modo especial Cícero. Os preceitos da oratória só faziam sentido quando aplicados ao exercício prático de composição, de escrita e de declamação. Era necessário escrever todos os dias, evitando o formalismo vazio, mas progredindo simultaneamente no saber e na capacidade de expressão. No centro do cânone de estudos jesuítico estavam, por isso, as *litterae humaniores*. Se os objectivos escolares dos primeiros colégios dos jesuítas eram a formação dos seus próprios membros, em breve a Companhia de Jesus se apercebeu

⁵ *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e curriculum de estudos* (2008), XVI, 1. Doravante indicar-se-á simplesmente *Ratio*. Sobre o lugar da erudição no ensino da Retórica e das Humanidades, vd XVI. 1, 2, 6, 7, 8, 12, 13, 15; XVII. 1, 5, 9 e XVIII. 5. A erudição fazia parte dos objectivos das classes de humanidades, como meio de estimular o estudo e de o tornar mais agradável, mas a classe de retórica concedia-lhe espaço mais amplo, ao lado dos preceitos da oratória e do estilo.

de que uma das suas principais missões apostólicas seria a formação não só dos seus religiosos, mas de outros clérigos (que se tornassem bons pregadores) e também de leigos (oradores cristãos). Em poucas décadas, com efeito, os colégios multiplicaram-se, num fenómeno de célere expansão que, conjugado com a procura crescente de alfabetização sentida em toda a sociedade, levou à criação de uma rede escolar verdadeiramente europeia (a primeira).

Educar para a eloquência, particularmente para a eloquência sagrada, e formar bons oradores e bons pregadores era agora tão importante como formar um filósofo ou teólogo... Por isso, a *inuentio* retórica não podia ser concebida desligada da *elocutio*. Não bastava conhecer todas as matérias e encontrar todos os argumentos de persuasão; era necessário saber exprimi-los de maneira agradável e elegante e dispô-los de forma conveniente e eficaz (*dispositio*).

Se o maior dever dos religiosos era pregar e transmitir aos outros a verdade da palavra de Deus, essa missão deveria ser realizada com perfeito conhecimento do sentido da Escritura, com capacidade para transmitir aos ouvintes, da maneira mais oportuna, as próprias certezas.

Foi o que fez o Padre António Vieira. Graças a uma sólida preparação retórica – um saber que aprendeu e ensinou durante três anos, enquanto professor no colégio de Olinda e autor de comentários aos textos dos clássicos, para uso dos seus alunos (André de Barros 1746: 13-14)⁶ – a palavra foi para ele um meio eficaz de intervenção e actuação na vida política, moral e social, uma arma que podia manusear com a mais aguda destreza.

Sabiam os mestres e o próprio Padre António Vieira que nem tudo é acessível à capacidade inata de verbalizar. Por isso, colocavam nas mãos dos seus discípulos alguns modelos e convidavam-nos a imitá-los incessantemente. Tal como numa escola de pintura ou de música, na aprendizagem da pregação eram mais frutuosos os modelos do que as regras. Mas, ao

⁶ Nesse mesmo passo, o biógrafo informa-nos que o Padre António Vieira era professor de retórica quando «desejando ver illustradas as Tragédias de Séneca (de que ainda então não havia no Brasil Commentos) dictou-lhe [naquele] anno hum Commentario sobre ellas, obra que se lhe perdeu na Província, levando a mesma fortuna outro Commentário aos Metamorphoseos de Ovídio, de que elle fazia particular apreço.».

contrário de Santo Agostinho, em quem se inspiravam, os mestres jesuítas não viam razão para recusar a imitação dos modelos pagãos.⁷ Pelo contrário, o principal modelo, teórico e prático, era Cícero, cujo pensamento era imprescindível aos novos humanistas, desde que estabelecera a aliança definitiva entre a retórica e a filosofia e sintetizara (no *De Oratore*) o que parecia ser o essencial das regras da oratória para a pregação cristã: *docere, mouere, delectare*. O orador cristão não podia subestimar o pensamento. Se a retórica ensinava a falar, a filosofia ensinava a pensar. Por isso o orador / pregador não devia limitar-se a possuir as técnicas da retórica, mas devia formar-se na filosofia e desenvolver uma ampla capacidade de raciocinar e de argumentar.

A aquisição da eloquência passava por um ritmo incansável de lições, exercícios, leituras e repetições, debates, competições e concursos literários. Ordem e exercício são duas palavras-chave que caracterizam o regime de estudos descrito na *Ratio*. Ordenação das matérias por graus de dificuldade e ordem entre os alunos, por classes de aprendizagem; exercícios de simples repetição diária, ou debates entre classes diferentes; exercícios de composição (em prosa e em verso) e exercícios de declamação.

Todo o estudante, especialmente aquele que quisesse ser jesuíta, percorria um programa sistemático de exercitação da Palavra em público: em actos solenes, diante dos mais ilustres convidados, com a exibição das melhores composições; em concursos e prémios literários; em declamações (ora simples, em classe, ora na igreja ou na aula magna) e em representações teatrais. O ritmo de actividade de mestres e de alunos era incansável, como prova o calendário de cada classe e os respectivos horários.

Para formar bons e brilhantes oradores, sabiam os autores da *Ratio* que *nada desenvolve tanto a inteligência como exercitar-se individualmente a usar da palavra em público – na aula magna, na igreja, na sala de aula (...), mas também no refeitório* (*Ratio*, XVI, 20).

⁷ Para o desenvolvimento desta estética oratória cristã, os humanistas continuavam a inspirar-se em Santo Agostinho, cuja nova retórica (definitivamente reconciliada com a cultura pagã, embora dentro de certos limites) nascera da necessidade de aliar a correcta exegese bíblica à eficaz transmissão dos ensinamentos da Sagrada Escritura, mediante a homilética (*De Doctrina christiana*, livro 4).

3. A *declamatoria actio* (*Ratio* XVI, 20)

Uma vez por mês, na aula magna ou na igreja, haverá um discurso mais solene (...), ou então far-se-á uma representação declamada (*declamatoria actio*) [de um caso], em que duas partes expõem os seus argumentos e por fim se exprime uma sentença...⁸ (*Ratio*, XVI,17).

Enquanto exercício habitual das classes de humanidades e de retórica (*Ratio*, xv. 33; xvi. 2, 3 e 16; xvii. 2) e graças à sua importância, as declamações adquiriram efectivamente uma dimensão de verdadeiro espectáculo, de tal modo que passaram a ser representadas. Fora, aliás, o mesmo princípio que dera origem ao desenvolvimento do teatro como exercício por excelência da classe de retórica. De facto, a representação dramática era uma prática recomendada ao professor de retórica:

Algumas vezes, o professor poderá propor aos alunos, como argumento da composição, uma breve acção dramática (*brevem aliquam actionem*), como uma écloga, uma cena, ou um diálogo, para que depois a melhor de todas seja representada em classe, distribuindo os papéis entre os alunos, mas sem qualquer aparato cénico. (*Ratio*, xvi, 19)

A formação retórica preconizada pela *Ratio* não ignorava, antes tinha perfeita consciência dos laços que unem retórica e teatralidade, orador e actor. Por isso mesmo recomendava aos professores que se esforçassem para que os alunos treinassem também a voz, o gesto e toda a sua actuação com a maior dignidade (*Laborandum etiam, ut vocem, gestus et actionem omnem discipuli cum dignitate moderentur. Ratio*, xv, 32). Com esse fim se realizavam grandes representações teatrais, preparadas pela classe de Retórica.

Se observarmos os textos dramáticos produzidos naquele ambiente escolar, verificamos que muitos dos discursos que encontramos na boca de profetas e de reis podiam ser proferidos do palco improvisado no pátio do

⁸ *In aula templove gravior oratio aut carmen vel utrumque nunc latine, nunc graece vel declamatoria actio, expositis utrimque rationibus, lataque sententia, singulis fere mensibus habeatur ...* A diferença entre estas declamações chamadas públicas e as declamações privadas (que as diferentes classes realizavam entre si) consistia na dramatização (*actio*) da declamação em espaço público (a aula magna ou a igreja) e na presença de um auditório.

colégio, ou do púlpito da igreja, porque o teatro, à imitação de Séneca, combinava-se intensamente com a parénese, e o actor transformava-se momentaneamente em pregador. Encenar o discurso era encenar a voz, a atitude de corpo, o gesto e o olhar de uma paixão, fazendo uso dos instrumentos patéticos da persuasão. Ora, esse exercício adquiria novas virtualidades se fosse colocado na boca de grandes personagens, como reis, sacerdotes, profetas e santos. E maiores virtualidades alcançava ainda, se fosse realizado diante dos professores e reitor da Universidade, diante de príncipes, bispos e cardeais, com o maior aparato e riqueza de vestes.⁹

A extensão dos discursos que frequentemente encontramos neste repertório dramático não esconde, porém, o plano da sua composição. As partes do discurso obedecem aos melhores cânones da retórica ensinada nos colégios. Dramaturgos e pregadores aplicavam à sua produção literária o princípio da articulação clássica das partes do discurso, obtendo aquilo que se pode considerar modelos de composição e de declamação: *exordium*, *propositio*, *narratio*, *argumentatio* e *peroratio*.

Na realidade, o que encontramos neste repertório dramático é muito mais do que um simples exercício escolar. Algumas tragédias representadas até ao século XVIII, por exemplo, consistem essencialmente na defesa da tese católica da participação do arbítrio humano na acção redentora da graça – quando a heresia protestante propagara a ideia da total gratuidade da misericórdia divina. Os discursos proferidos por cada uma das personagens eram verdadeiras peças de oratória sacra, compostas segundo os modelos pagãos (Cícero, acima de todos): sermões sobre a heresia e a ortodoxia; sobre o arbítrio humano e o poder absoluto de Deus; sobre a liberdade e a graça; sobre a doutrina da justificação; sobre a apologia do arrependimento, das obras de penitência e da conversão interior; sobre o

⁹ Neste teatro, as peças enchem-se de longos discursos, de uma oratória rica, exuberante e declamatória. A grandiloquência dos actores exprime-se ora em discursos bem estruturados, ora em diálogos agónicos cheios de densidade argumentativa. As personagens confrontam-se em acesos debates de ideias, de grande dinâmica dramática. A lentidão dos longos discursos exortativos, de grande elevação moral, alterna com a *brevitas* (rigor, precisão, concisão, agudezas de sentidos, jogos de palavras) da linguagem dramática agónica, com que se desenvolvem verdadeiras batalhas de ideias e de palavras. Por vezes, os discursos elevados e debates agónicos mais parecem demonstrar efectivamente o virtuosismo verbal do poeta-orador do que a arte cénica do dramaturgo.

louvor da Eucaristia; sobre a ascese cristã; sobre o domínio das paixões; sobre o elogio da vida simples e dos bens celestes; ou sobre a vida presente e a morte, tema tão caro aos sermões do Padre António Vieira

Se algumas declamações teatrais se distinguem pela torrencialidade e pela exuberância retórica – que o Padre António Vieira vituperava no estilo dos pregadores do seu tempo – nos mais acesos debates as personagens distinguem-se antes pela acutilância e brevidade das ideias, pela perfeição surpreendente das metáforas, pela surpresa e variedade das polissemias, representando verdadeiras batalhas de ideias e de palavras.¹⁰

Para a Companhia de Jesus, ordem religiosa de cavaleiros de Cristo, a palavra era a arma pela qual renunciavam à espada, mas não ao combate. Em vez da espada, a funda de David daria ao pregador o ensejo de submeter aos pés de Deus seus inimigos. Mas para isso era preciso um longo treino.

Consciente de que retórica e teatralidade não se excluíam, a *Ratio Studiorum* sabia que formar o bom orador passava por formar o bom actor. A preparação do pregador para o púlpito não se fazia só na sala de aula mas sim em cena, diante dos ouvidos de um auditório, sob os olhares de um público.

4. Sem a voz que os animou, ainda ressuscitados são cadáveres

Ora, a relação entre teatro e retórica faz parte integrante da mais autêntica tradição oratória, a ponto de fundamentar a quarta parte da retórica, sobre a *actio*, ou seja o acto de proferir o discurso.

Tal como o teatro, também a oratória tem uma dimensão performativa. O discurso e o sermão são compostos não para serem lidos silenciosamente mas para serem apresentados em público, por uma voz e um rosto. A *actio* constitui portanto a consumação do discurso e é responsável pelo seu maior ou menor efeito, afirmava Cícero no *De Oratore* (3, 213),

¹⁰ Os argumentos sucedem-se, em intervenções de um só verso, raramente dois, por vezes em breves discursos opostos, seguidos de réplicas concisas – de linguagem lacónica, severa mas poderosa. Cada argumento recebe uma réplica, a qual, por sua vez, fundamenta o argumento seguinte do adversário. E a discussão desenvolve-se ao longo de 30, 40, às vezes 100 versos, à custa de diversas formas de anáfora e de paronomásia, de antíteses e de paradoxos...

texto de estudo da classe de Retórica. Sem ela, o maior dos oradores nada pode. Com ela, o orador medíocre pode superar os melhores. (*Sine hac summus orator esse in numero nullo potest, mediocris hac instructos summos saepe superare*). Quando perguntavam a Demóstenes o que era mais importante na eloquência, o orador dava à *actio* o primeiro, o segundo e o terceiro lugar, lembrava Cícero.

O papel preponderante da *actio* na arte oratória levava Cícero a dedicar-lhe as últimas reflexões do Livro 3 do *De Oratore* (213-227), incluindo instruções sobre a voz, os tons (da cólera e da piedade, do temor e da violência, da alegria e da tristeza) o gesto, o rosto e o olhar. Todos estes movimentos da alma devem ser acompanhados de gestos, não daqueles gestos que declaram as próprias palavras, representando-as (como no teatro, escrevia Cícero), mas daqueles gestos que iluminam a ideia e o pensamento e esclarecem o seu significado (3, 220). Quanto ao gesto e ao rosto, a primazia cabe naturalmente ao olhar (221). No entanto, para que a *actio* seja perfeita, o principal papel é o da voz (224: *Ad actionis autem usum atque laudem maximam sine dubio partem uox obtinet*).

A analogia clássica entre retórica e teatro, entre o actor e o orador, não impedia porém Cícero nem Vieira de reconhecer uma distinção essencial entre a *actio* oratória e *actio* teatral. De facto, os oradores/pregadores são actores da própria verdade (*ueritatis ipsius actores*), ao passo que os actores são simples imitadores da verdade (*imitatoris autem ueritatis* 3, 214) e ninguém duvida de que a verdade é mais importante do que a sua imitação.¹¹ A *actio* oratória do pregador (actuação) tinha de ser adequada às emoções da alma, porque a natureza atribui a cada emoção um certo olhar, um certo gesto e tom de voz, continua Cícero (3, 216). Sem esta linguagem, o discurso era privado da sua força anímica.

Com a mesma convicção, o Padre António Vieira, pregador e ex-professor de Retórica, quando pela primeira vez publicou os seus sermões escreveria também: começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres (Padre António Vieira [1993]: 161).

¹¹ Por isso Cícero elogiara frequentemente a actuação de Róscio, actor célebre pela adequação da sua actuação oratória às emoções, mas não hesita em apreciar o sentido crítico daqueles que nem o próprio Róscio aplaudiam se ele representasse *personatum*, isto é, de máscara (3, 221)

A convicção de Cícero e de Vieira era a de que o discurso só se consuma quando é proferido a um auditório, transmitindo não apenas os argumentos e raciocínios veiculados pelo verbo, mas ainda comunicando aos sentidos toda a carga passional que só a voz e o rosto – os instrumentos mais eficazes da persuasão – podem comunicar. Para o Padre António Vieira essa certeza era tão evidente que o levava a afirmar que dos seus sermões restaria apenas o cadáver.

Se a *actio* era a parte da retórica que permitia desenvolver a linguagem do corpo em função das emoções, e se o seu principal objecto era a expressão dos afectos, se da *actio* dependia a eficácia de um discurso ou de uma pregação sobre um auditório, é porque a *actio* era considerada o principal instrumento de persuasão e, das três finalidades do discurso (*docere, delectare, mouere*) o *mouere* ganhara uma importância suplementar. Era aliás esse o pensamento de Cícero, quando afirmara também no seu diálogo *Brutus* (276), que essa terceira finalidade do discurso, a moção dos afectos, era de todas a mais eficaz para a persuasão.

E também neste aspecto o Padre António Vieira se mostra tributário de Cícero, e do principal Manual de Retórica divulgado pela *Ratio* (da autoria de Cipriano Soares). Ambos têm consciência de que a persuasão resulta não só da compreensão intelectual mas também afectiva. A persuasão não é apenas uma emoção epidérmica, de que não resta senão vaga memória, mas uma compreensão ‘apaixonada’, que reverte em convicção e decisão da vontade.

É esse o pensamento que expõe o Padre António Vieira, quando discorre sobre como há-de ser a voz do pregador.

Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente, a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão.

E lembra o exemplo de João Baptista:

Ego vox clamantis in deserto. Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto... A definição do pregador cuidava eu que era voz que arrazoar, e não voz que brada. Pois porque se definiu o Baptista pelo bradar e não pelo arrazoar?: não pela razão, senão pelos brados?

Porque há muita gente neste mundo com quem podem mais os brados que a razão, e tais eram aqueles a quem o Baptista pregava...

O pregador dá, depois, o exemplo de Pilatos e da condenação de Cristo:

A razão não valeu para livrar [Cristo]. Os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem.

E a argumentação termina com a metáfora do pregador como trovão.

[A nuvem] com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há-de ser a voz do pregador: um trovão do céu que assombre e faça tremer o mundo.¹²

No pensamento do Padre António Vieira sobre a *actio* do pregador não estava apenas a sua intuição pessoal, mas uma assimilação profunda da doutrina clássica (nomeadamente de Cícero), que a codificação retórica jesuítica viera revalorizar. Tudo o que diz respeito à *actio*, escrevera Cícero, é dotado de uma espécie de força natural. Por isso, é por meio da *actio* que o orador consegue mover até os mais rudes e ignorantes. Na verdade, as palavras do orador só podem agir sobre aqueles que partilham a mesma língua; os seus pensamentos mais agudos escapam muitas vezes ao entendimento daqueles que são destituídos de agudezas; a *actio*, porém, que exprime as emoções da alma, a todos move, pois todos experimentam as mesmas emoções da alma e reconhecem nos outros aquelas mesmas expressões de que se servem. (*De Orat.* 3, 223).

5. Conclusão: *ars uocis et gestus* e *ars mouendi* na codificação retórica jesuítica

A teorização retórica antiga (da *Retórica* de Aristóteles, aos tratados de Cícero, à obra anónima *ad Herennium*, e à obra de Quintiliano) – que o humanismo jesuítico converteu em retórica cristã – considerava a *actio* uma das partes da retórica. Na classe de retórica, os preceitos sobre *actio* e a *pronuntiatio* codificavam a oratória jesuítica com tanta propriedade como

¹² Padre António Vieira 1993: 95-96.

os preceitos sobre a *inuentio*, a *dispositio* ou a *elocutio*. *Actio* e *pronuntiatio* diziam respeito à actividade da voz e do gesto, destinada à vista e aos ouvidos – os sentidos pelos quais todas as emoções penetram na alma, escrevera Cipriano Soares.¹³

Da codificação retórica jesuítica fazia parte o jogo cénico-dramático, a teorização sobre as maneiras de dizer um texto, de modo que o orador incarnasse, na perfeição, toda a variedade de expressão das paixões, sem gestos supérfluos (esclarecem os manuais), dando ao texto total prioridade. A *ars uocis et gestus* eram artes ao serviço do mesmo fim: a *ars eloquentiae*, *ars mouendi*. Por isso, o sermão também era representação: de sentimentos de cólera e de piedade, de indignação e de admiração, de afecto e de animosidade, de doçura e de violência. A estes sentimentos correspondiam outros tantos tons e gestos codificados pela retórica de Cícero, Quintiliano e Cipriano Soares, que o pregador não podia ignorar.

Estes poderão ser alguns aspectos de menor evidência, é certo, na eloquência de Vieira mas, segundo o autor, revestiam-se da maior importância, pois deles dependia dar vida ao cadáver (*sem a voz que os animou*, escreveu no Prefácio ao leitor, *ainda ressuscitados são cadáveres*).

A voz que animou a eloquência do Padre António Vieira, a função patética da sua *actio*, pretendia antes de mais fazer unir a vontade à inteligência, «à boa maneira jesuítica da contemplação e da meditação, reunidas na aplicação de sentidos» como escreveu o Padre Mário Garcia (2000: 74), sublinhando quanto os Sermões são, de facto, exercícios espirituais, da alma e do corpo, da vontade e da inteligência, da imaginação e do imaginário, unificados pelo coração puro e liberto, *capax Dei*.

Foi deste modo, fiel à mais clássica tradição oratória, que o Padre António Vieira se identificou com os seus modelos e se tornou outro Baptista, voz que arrazoava mas também bradava, mão de David que disparava a funda e derrubava o gigante, trovão do céu capaz de assombrar o mundo.

¹³ Cipriano Soares 1562: fol. 114. *Cum sit autem [pronuntiatio] in duas diuisa partes, uocem, gestumque, quorum alter oculos, altera aures mouet, per quos duos sensus omnis ad animum penetrat affectus, prius de uoce, deinde de gestu, qui uoci etiam accommodatur, dicendum est.*

Bibliografia

- ANDRÉ DE BARROS S. J. (1746), *Vida do Apostólico Padre António Vieira da Companhia de Jesus, chamado por antonomásia o Grande: aclamado no mundo por Príncipe dos Oradores Evangélicos, Pregador Incomparavel dos Augustísimos Reys de Portugal*. Lisboa (Exemplar pertencente à Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, CF-D-9-10).
- A. P. DE CASTRO (2008), *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Lisboa.
- A. J. SARAIVA (1996), *O discurso engenhoso*, Lisboa.
- CIPRIANO SOARES (1562), *De Arte Rhetorica Libri Tres*. Conimbricæ.
- J. MENDES S. J. (1978), *Literatura Portuguesa II*. Lisboa.
- M. V. MENDES (1989), *A oratória barroca de Vieira*. Lisboa.
- M. L. G. PIRES (1999), “Mistério e triunfo na oratória de Vieira”, *Terceiro Centenário da morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Actas*, Vol. 1º. Braga, 103-118.
- M. GARCIA S. J. (2000), *O Padre António Vieira e outros poetas*. Braga.
- PADRE ANTÓNIO VIEIRA (1993), *Sermões*. vol. I. Porto.
- PADRE ANTÓNIO VIEIRA (1998), *Sermões italianos*. Edição, introdução e notas de Sónia Salomão. Viterbo.
- RATIO STUDIORUM DA COMPANHIA DE JESUS (1599). *Regime escolar e curriculum de estudos (2008)*. Edição bilingue latim-português. Introdução, versão e notas por Margarida Miranda; *Ratio Studiorum*, um modelo pedagógico por José Manuel Martins Lopes S.J.
- R. CANTEL (1959), *Les sermons de Vieira. Étude du style*. Paris.